

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

X

Nº. de referência: 2

Título: "O SENHOR DOS NAVEGANTES"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): GASTRO, .. FERREIRA DE

Adaptador: JACQUES, EDUARDO

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 14/5/1975

Data de Emissão: 19/5/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
RUI LUIS	O HOIEM
ARMANDO GORTÉZ	O SEU INTERLOCUTOR

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Robais

(V.S.F.F.)

⇒

Notas:

- DIREC. ARTÍSTICA

- ESTE CONTO FAZ PARTE DO LIVRO "A MISSÃO"

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

Título
Autor
Adaptação radiofônica de

"O Senhor dos Navegantes"
Ferreira de Castro
Eduardo Jacques

SERVICOS CRIATIVOS	
PROGRAMA Nº 362	PROGRAMA A ^e
DATA DE ENTREGA 5 MAIO 1975	DATA DE 19/5/75
PEDIDO DE ENTREGA	15-15 HORAS
A GRAVAR EM 19/5/75	VISTO
HORA 12.00	
NUMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

Personagens:

- 0 Homem
- 0 Seu Interlocutor

(Este conto faz parte do Livro "A MISSÃO - 3 Novelas").

"O SENHOR DOS NAVEGANTES"

Acústica sem caracterização especial para a narração do Interlocutor.

Exterior, campo, dia, para o texto em discurso directo.

Um

O HOMEM atira os votos de cera, os quadros, etc., pelo parapeito fora. Parte quadros de madeira. Ruídos

O HOMEM - Nunca salvei ninguém! Ninguém! - Fora! Fora! - Bem o desejava fazer, mas já não tinha força para isso... - Fora! - Eu não mereço nada disto. Se estes se livraram da morte, foi apenas por circunstâncias favoráveis. - Fora!

Dois

O INTERLOCUTOR - Acabara de me sentar e dispunha-me a ler, como de costume. Logo, porém, que abrira o livro, um rumor viera de dentro da capela. Surpreendido, voltara-me e notara que a porta estava semi-aberta.

Era a primeira vez que isto me acontecia.

Sentira passos e vira um homem sair da capela. Trazia os braços fechados sobre numerosos ex-votos - barcos de cera e pequenos quadros, ingênuas figuras feitas sobre madeira.

Três

O HOMEM - Provavelmente, o senhor pensa que sou um ladrão... Não é verdade?

Quatro

O INTERLOCUTOR - A capela do Senhor dos Navegantes divisava-se ao longe, como um farol. Branca, airosa, pequenita, erguida sobre o tope duma colina. A ela, mais do que a uma luz que brilhasse na noite atlântica, os pescadores enviavam esperanças e desesperos quando em graves riscos se viam nas cavas e lombas do mar.

Porque ficava alta, ao fim de íngreme, pedregoso carreiro, raras gentes lá iam, salvo em dia de festa, com morteiros e filarmónica, uma vez cada ano. Fascinado pela solidão e larguesa panorâmica, eu encontrara, porém, maneira de a atingir, naquelas tardes de Estio, sem me fatigar. Para subir às montanhas, um li-

vro vale mais do que um bordão - e, com um livro sob o braço, punha-me a caminho. Logo que as pernas se cansavam, sentava-me e lia, enquanto os melros iam cantando nas velhas árvores da encosta.

Naquela tarde, ao chegar ao adroçito do Senhor dos Navegantes, demorar-me a contemplar o mar vasto que dali se descortinava. Em baixo, estendia-se a grande praia semi-selvagem. À direita, rompendo de entre um pinhal e com seu verde contrastando, espalreciam casitas modernas, todas faceiras e coloridas, ao passo que, da banda oposta, aglomeravam-se as barracas dos pescadores, em forma de ilha sobre a areia, e tão velhas, negras e ríidas pelos anos como se fossem as mesmas que deixaram ali os primeiros habitantes do litoral. Dir-se-ia que o tempo parara do lado onde se trabalhava rudemente ao sol, muitas vezes de colaboração com a morte, para se activar apenas naquele onde se descansava à sombra tranquila dos pinheiros.

Até então, eu encontrara sempre ali o maior silêncio, um abandono total, com esse sabor sabor poético, fino, voejante, que parece destilado pelo ar e é próprio das ermidas que padroam as montanhas. Agora...

cinco

Repetição de

Três

O HOMEM - Provavelmente, o senhor pensa que eu sou um ladrão....

Não é verdade ?

seis

O INTERLOCUTOR - É certo que eu havia pensado isso. Havia mesmo avaliado as suas forças em relação às minhas e concluído que talvez ele me vencesse, em caso de luta. Não que fosse mais novo; devia ter uns cinquenta anos maltratados, enquanto eu não chegara ainda aos tri

trinta; mas o seu corpo era mais robusto e os braços muito mais possantes do que estes, tão franzinos, de que eu me servia para pegar no livro. Os seus olhos claros não precisavam de óculos, ao passo que os meus, sem auxílio de vidros, não me permitiriam dar dois passos seguros, mesmo para fugir. E embora as linhas físicas dele não se mostrassem rudes, o fato que trazia, gasto, poireito, e não sei mais o quê do seu todo, sugeriam a ideia do homem habituado a trilhar as estradas do Mundo, de varapau na mão, ao assalto da vida.

Sete

O HOMEM-Não, não sou um ladrão. Isto pertence-me.
Eu é que não os mereço...

Oito

O INTERLOCUTOR-Referia-se aos votos.

Nove

O HOMEM- O senhor não é de cá, pois não? Está a veranejar na praia?

- Logo vi. A gente da terra não tem tempo de vir ler aqui para cima. Bem lhe basta o trabalho.

Dez

O INTERLOCUTOR- Não entendera logo se ele falava assim para me ser desagradável ou simplesmente para demonstrar a sua perspicácia.

Os seus olhos voltaram a fixar-me. Pareceu-me ver neles um lume de ternura.

Onze

O HOMEM- O Senhor esteja à sua vontade. Eu não me demoro. E não tenha medo de mim. Não faço mal a ninguém. Todos nós, é certo já algum dia fizemos mal - e eu fiz um grande mal, mas isso foi há muito ano... (Profundo:) Há muito ano...

Doze

O INTERLOCUTOR-O homem calara-se.

O flanco da colina descia quase a pique, até um matarral que se estendia lá em baixo. Era um temível despenhadeiro e, para defesa de quem vinha ao Senhor dos Navegantes, haviam construído um murozito que, da banda de dentro, formava bancada, em semicírculo.

Vergado sobre os ex-votos, o homem com as mãos desfez os barcos de cera e arremessou-os para o abismo, para o sarçal que havia no fundo.

Treze

Repetição de parte de Um.

O HOMEM - Nunca salvei ninguém! Ninguém! - Fora!
Fora!

Quatorze

O INTERLOCUTOR - Estendera o braço, agarrara uma pedra e dera-se a partir os quadros onde se viam embarcações de pesca em luta com o mar embravecido e o Senhor dos Navegantes de pé sobre nuvens. Todos eles tinham datas, algumas seculares, e legendas de reconhecimento, com muitos erros ortográficos e mal desenhadas letras.

Quinze

Repetição de parte de Um.

O HOMEM - Eu não mereço nada disso. Se estes se livraram da morte, foi apenas por circunstâncias favoráveis . - Fora!

Dezasseis

O INTERLOCUTOR- O homem lera-as antes de despedaçar as pequenas tábuas onde elas estavam inscritas e, em seguida, lançara os destroços lá para baixo, para o mesmo lugar dos barquitos de cera.

Dezassete

O HOMEM- O senhor gosta disto?

O INTERLOCUTOR-Isto é bonito...- É um magnífico panorama....

(Um tempo)

O HOMEM-Sim, não é feio?... - Podia ter saído muito melhor, mas enfim...

Dezoito

O INTERLOCUTOR-Tornou a olhar o mar e a terra, lentamente.

Dezanove

O HOMEM- Já os romanos gostavam deste sítio. Ninguém o sabe ainda, senão eu, mas a verdade é que houve aqui um crasto. Olhe, acolá, à esquerda, antes de se entrar no adro, se alguém escavar, encontrará restos de sepulturas...E à praia, lá em baixo, chegaram a vir muitas galeras... Existia, então, um pequeno porto, que o tempo assoreou...

Vinte

O INTERLOCUTOR-Surpreendiam-me os seus conhecimentos e a propriedade com que falava.

Vinte e um

O HOMEM - Efectivamente, se olharmos bem para a terra, para o mar e para o céu e se pensarmos na grande variedade de seres que há no Mundo e em todo este admirável equilíbrio planetário, parece-nos que estamos perante um milagre. Não é assim? A si também não lhe parece o mesmo, quando pensa, por exemplo, nas vidas submarinas?

O INTERLOCUTOR-Sem dúvida, o Mundo é muito variado e...

O HOMEM-(interrompe-o) - Eu sei que todos os homens pensam, sobre isto, mais ou menos o mesmo. Um simples insecto, que encontramos num monte e que podemos facilmente esmagar com o pé, se ele não fugir, é capaz de levar-nos a meditar sobre o mistério da Criação, é capaz de arras

tar o nosso pensamento por caminhos obscuros, que, momentos antes, não tínhamos sequer admitido percorrer...- Não é verdade que o Mundo parece feito por uma imaginação portentosa? Por uma inteligência que nenhum homem pode igualar?

O INTERLOCUTOR-Algumas vezes tenho reflectido sobre isso...

O HOMEM -Aí está! - Aí está! - Mas o senhor enganase ! Pelo menos, enganase em metade...

Vinte e dois

O INTERLOCUTOR-Aproximou-se mais de mim. Eu estava sentado, ele de pé; eu tinha de olhá-lo de baixo para cima e sempre com receio de que estendesse as mãos e me dominasse.

Vinte e três

O HOMEM -- Ora diga-me uma coisa... Nunca lhe pareceu que essa inteligência havia ficado a meio do seu trabalho? Que não tinha ido até onde pareceu que pretendia ir?

O INTERLOCUTOR-Não sei. A nossa razão tem limites. Para além da nossa razão podem existir outras razões, que não são explicáveis...

O HOMEM-Era aí, justamente, onde eu queria chegar!

Vinte e quatro

O INTERLOCUTOR-Sentou-se ao meu lado, dobrando-se levemente para a frente, com os braços apoiados nas pernas. A sua voz adquiriu, então, um murmurejar de confiança e de quem não sente pressa alguma.

Vinte e cinco

O HOMEM- Tudo correu muito bem, a princípio. Eu tinha um poder infinito. É uma imaginação para além de todos os prodígios. Até eu me admirar, hoje, disso. Bastava pensar uma coisa e o meu pensamento materializava-se rapidamente, adquirindo forma e vida. A minha fantasia não encontra limite algum e os habitantes das profundidades deste mar que estamos vendo o atestam. É um prazer que o senhor não conhece tornar realidade o próprio absurdo. Mas, nesse tempo, tan

bém eu não sentia esse prazer; eu não fazia ideia alguma do que era absurdo e do que era lógico, do que era belo e do que era feio, do que era bom e do que era mau. Estas definições só se estabeleceram mais tarde, justamente quando surgiram os limites... Eu criava, criava, como um delírio. E não há dúvida de que a minha principal obra foi isso a que os homens chamam o Universo, a mecânica celeste, o Infinito...

(Outro tom:) Um dia, porém, senti-me decadente. As aves, por exemplo, são um indício do meu declínio. Não sei se o senhor é viajado, se conhece a Ásia e a América, as grandes florestas tropicais onde há aves maravilhosas. Mas se não conhece, não importa; tem visto isso, pelo menos, nos livros com estampas. Parece-lhe - não é verdade? - que há uma diversidade deslumbrante, uma fantasia inesgotável no mundo das aves. Pois não é assim! Se observar bem, verá que não é assim. A minha imaginação havia já começado a diminuir, começava já a aproximar-se do que viria a ser a imaginação dos homens. Criei um pássaro e os outros foram apenas variantes. Utilizei o primeiro modelo e fi-lo de todos os tamanhos, desde a avestruz, tão grande que pode ser cavalgada, até o colibri, que, de minúsculo, se confunde com um insecto. A seguir, fi-lo de todas as cores e com todas as combinações de cores. Depois, em vez de criar, pus-me a exagerar determinadas parcelas do que já havia feito. E cheguei, assim, até a caricatura da minha própria obra. A algumas das aves, limitei-me a esticar-lhes as pernas, as caudas ou os bicos, de tal forma que estes ficaram grotescos e muito maiores do que o corpo. A outras dei-lhes uma amplitude de asas de que não careciam ou deixei-lhes apenas uns simples cotos. Variei-lhes, também, o fulgor dos olhos e a composição dos seus gorjeios, deixando umas eternamente mudas

e obrigando outras a cantarem até na hora da morte. Mas tudo isso eram simples pormenores, porque, no fundo, a ave, a ideia fundamental, era a mesma. Eu parecia um desses artistas que realizou, certo dia, uma descoberta feliz e passou, depois, o resto da vida a lutar desesperadamente para dar a ilusão de que não se repetia, quando, em realidade, não fazia outra coisa senão plagiar-se a si próprio...

Vinte e seis

O INTERLOCUTOR - O homem calou-se subitamente e, erguendo a cabeça, olhou-me pela primeira vez, desde que se havia sentado.

Vinte e sete

O HOMEM - O senhor está a pensar que sou um louco, não é verdade?

Vinte e oito

O INTERLOCUTOR - Foi, então, que, por meu turno, baixei os olhos, admitindo de novo que ele poderia, em qualquer momento, lançar-me por cima do murozito de resguardo, como fizera aos ex-votos.

Vinte e nove

O INTERLOCUTOR - Não, senhor. Estou a ouvi-lo com muito interesse. O que acontece é que se vai fazendo tarde...

Trinta

O INTERLOCUTOR - Ele examinou atentamente o céu, como se medisse o Tempo.

Trinta e um

O HOMEM - Não, tarde não é... São apenas cinco horas... Dê cá um cigarro.

Trinta e dois

O INTERLOCUTOR - Passei-lhe o maço, meteu-lhe os dedos, riscou devagar, um fósforo, soltou o fumo e tornou.

Trinta e três

O HOMEM - Com o mundo vegetal aconteceu a mesma coisa. O que é uma árvore? O que é uma planta? Uma raiz metida na terra. Para evitar a monotonia, tive de dar variedade às folhas, às flores, aos frutos e aos aromas. Mesmo aos troncos. Mas, apesar de tudo, é sempre uma raiz metida na terra. Ora não era isso que eu queria. Eu não queria o Mundo submetido a uma repetição perpétua. Eu desejava que ele se modificasse constantemente. O senhor já pensou que poderiam perfeitamente existir bosques aéreos e que o homem deveria andar no fundo dos mares ou no espaço celeste com tanta facilidade como anda aqui na terra? O senhor não vê que os homens estão todos os dias a procurar corrigir os defeitos do meu trabalho? Mesmo os que me adoram, passam a vida a discordar de mim e a tentarem emendar o que eu fiz. Quando imploram as minhas graças para as suas infelicidades, não fazem, no fundo, outra coisa do que censurar-me, pois o que é uma súplica senão uma revolta que não se pode exteriorizar? (Com um sorriso:) Só não me amaldiçoam porque ainda me julgam mais forte do que eles... (Outro tom:) Eles têm razão, coitados! Sucumbi antes de realizar integralmente a minha obra. O que devia ser nutável tornou-se imutável e as leis que ficaram a reger o Mundo são impiedosas. Eu só me lembrei de criar o homem muito tarde.

Já havia feito os outros animais, já havia mesmo esgotado toda a fantasia no exegre dos por-menores, quando me ocorreu uma outra variante.

A minha tendência fora, até aí, dar aos bichos quatro apoios sobre a terra ou sobre as árvores. Pois bem! Aos novos seres, eu daria, como às aves, apenas duas patas. Mas o senhor não pode imaginar o que senti ao ver de pé, entre os outros, o novo casal. Eu estava a criar o canguru e tão impressionado fiquei que lhe pus logo mais dois embriões de pernas e deixei-o incompleto para todo o sempre. No meio dos outros bichos, que se moviam alegremente, com jubilosos ruídos na manhã da sua vida, o homem e a mulher, únicos que eram verticais, dir-se-iam dois pinguins entre um bando de pássaros chilreantes. Ele olhava ao longe, sem saber como orientar-se. Mostrava-se tão triste, tão incerto do seu destino, que tive de repente pena dele. Hesitei um momento e decidi: "É a este que eu me darei. É a este que eu darei o que ainda resta de grande em mim." E fundi a minha decadência, o crepúsculo da minha potestade, naquele melancólico animal. Foi outro erro, o meu maior erro.

O homem queria ser feliz, impelido por aquela obscura reminiscência de quando uma parte dele me pertencia a mim, sua divindade, e havia de passar milénios sobre milénios, a lutar para ser feliz, sem nunca o poder ser por muito tempo. Só o era integralmente por alguns minutos. O Mundo ficara incompleto, injusto e sem finalidade visível e o homem deu-se a lutar para que o Mundo tivesse para ele tudo aquilo que o Mundo não tinha. Eu sinto remorsos, creia, por tudo quanto fiz... Sinto especialmente remorsos por tudo quanto não cheguei a fazer... (Pausa) Então, eu próprio comeci a lutar também contra a minha obra. É claro que, ao fundir-me no primeiro homem, fiquei mortal como ele. Mas gozo, ao con-

trário dos outros, o privilégio de guardar memória das muitas vidas que tenho vivido. Lembro-me de tudo desde o começo do Tempo, desde que fiz o Mundo. E sofro, porque os homens levam, às vezes, milhares de anos para acreditar no que é evidente. Quando lhes digo a verdade, eles maltratam-me. Quando lhes grito, por exemplo, "O Mundo está mal feito e é preciso, dentro das vossas possibilidades humanas, corrigir o Mundo" - os mais fracos, os mais ingênuos, ficam a olhar para mim, duvidosos ainda sobre se é ou não verdade o que lhes digo, enquanto os mais fortes mandam imediatamente perseguir-me. Poucas vezes tenho morrido na cama. Ao contrário, tenho sido esquartejado, queimado vivo, crucificado, enforcado, fuzilado, guilhotinado, electrocutado e gaseado. A cada uma das minhas vidas foi sempre aplicada a moda a que cada época e cada povo obedecem para matar os seus inimigos. Isso não tenho que me queixar... - Há pouco, contei-lhe que, ali, à entrada do adro, se encontra um velho cemitério romano. Decerto, o senhor não acreditou. Compreendo perfeitamente: no seu lugar, eu também duvidaria. Mas pode ter a certeza de que estou lá... Ou, se já não existe resíduo algum do meu corpo de então, deve estar lá, pelo menos, uma fíbula que eu usava nesse período. Enterrara-me ali depois de me terem suplicado brutalmente, só por eu haver dito que, como criador que fora do Mundo, vivia a penitenciar-me do meu tremendo erro. Eles julgaram que eu pretendia, com isso, ser mais importante do que o imperador de Roma e liquidaram-me... (Um tempo) Se eu lhe contasse o que observei e sofri através dos Tempos! - Mas nunca mais acabaria e vejo que o senhor está com pressa... - O que me valeu, nos últimos séculos, foi a invenção da tipografia. Sem isso, teria sofrido ainda mais, dado que as minhas últimas vidas passei-as, quase inteiramente, nas prisões. Assim,

sempre arranjo alguma coisa para ler. Tenho lido muito, muito; desde há quatrocentos anos quase não faço outra coisa. Por um lado, a leitura distrai-me, leva-me a esquecer a cadeia; por outro, tortura-me, pois é pelos livros dos homens que eu vejo, sobretudo, o drama que criei... Ultimamente, lá no manicómió, só queriam dar-me livros optimistas. Os médicos afirmavam que essas obras não me despertariam ideias sombrias... Mas eu protestei imediatamente! - (Com um riso.) Ah, o senhor não se sinta constrangido por eu lhe dizer que estive no manicómió... - Estive. - Não tenha medo de me ofender, pois eu desde o princípio adivinhei que o senhor pensa que eu sou um louco. Não me ofende nada... Todos têm pensado de mim a mesma coisa, já lhe disse. Estive, e lá estaria ainda se, ontem, não tenho conseguido fugir. Estava lá ia já para oito anos. E sabe porquê? Portue, um dia, entrei numa igreja e gritei aos crentes que se encontravam ajoelhados: "Não vos resigneis, pois o Mundo que eu fiz é muito imperfecto e, portanto, precisa mais do vosso esforço do que da vossa resignação. Imperfecto há-de ele ser sempre e vós também; contudo, em muita coisa podeis aperfeiçoar o Mundo e a vós próprios. Mas não é de joelhos que o fareis; é de pé e a lutar! Quem vos fala já foi Deus e sabe por que fala assim..." (Com um sorriso melancólico:) O que fui dizer! Só as imagens dos santos ficaram impassíveis... Mas o Cristo, no altar-mor, parecia contemplar-me meigamente, com um ar secreto de cumplicidade. Dos fiéis, uns olhavam para mim, escandalizados, outros faziam esforços para não se rir... Junto do altar da Senhora dos Aflitos encontrava-se, ajoelhada, uma pobre mulher, a única que, naquela manhã, estava ali com verdadeira unção. Ela tinha um filho à morte e não tinha recurso algum, nem para o médico, nem para os medicamentos - para nada. Viera

ali pedir ao céu que lhe salvasse o filho, pois era o céu a última esperança que lhe restava. Senti tanta pena por essa mãe infeliz, que me aproximei do altar, estendi os braços para a imagem da Senhora dos Aflitos e tirei-lhe do pescoço uns dos muitos cordões de ouro que os devotos lhe haviam oferecido. Quis entregá-lo à mulher, dizendo-lhe: "Vende-o e vai a correr chamar o médico!" Mas a mulher, depois de limpar as suas lágrimas, encarou-me com repugnância, como se eu fosse o próprio diabo - e recusou o cordão. Teimei: "Despacha-te, senão o teu filho pode morrer!" Ela continuou a recusar e a olhar-me com desprezo. Então, sempre com piedade por ela e pelo filho, resolvi mentir: "Anda! Pega lá! Não tenhas escrúpulos! Eu sou o instrumento de que Nossa Senhora dos Aflitos se serviu para te ajudar". Ela hesitou um momento. Olhou a imagem, olhou para mim, mas não cheguei a saber se se havia decidido a aceitar aquilo. A igreja enchra-se de gritos. "É louco! É louco! É ladrão! É ladrão! Quer roubar a Nossa Senhora dos Aflitos!" Um polícia, que estava também ajoelhado, levantou-se, avançou para mim, tirou-me o cordão e pô-lo, de novo, ao pescoço da imagem. Depois, ordenou-me que saísse na sua companhia... O senhor está a ver o que aconteceu... Se, ontem, não apanho um guarda distraído e não salto o muro, não estaria agora aqui a falar consigo...

Trinta e quatro

O INTERLOCUTOR - Ofereci-lhe outro cigarro. Ele recusou com um gesto. Disse-lhe que eram horas de nos irmos embora, empregando o plural, como se estivesse certo de que eu partiria, com ele, do Senhor dos Navegantes. Realmente, eu deixaria de o temer.

Atravessámos o adro. Ao passarmos junto do local que ele me dissera haver sido um cemitério romano, vi-o deter-se. Os seus olhos

pareciam buscar, sob as plantas silvestres, um determinado sítio. Encontrou-o, decerto, porque, vergando a cabeça, gritou para dentro da terra:

Trinta e cinco

O HOMEM - Cá estou! Ouves? Cá estou e vou continuar a lutar!

